

CEM N.º 1
CULTURA, ESPAÇO & MEMÓRIA

NAVEGADORES RUSSOS E IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS

JOSÉ MILHAZES*

Resumo: Este artigo teve como objectivo dar início ao levantamento de obras escritas por oficiais da marinha russa onde se podem encontrar referências a territórios do Império Colonial Português.

O estudo limita-se ao século XIX, pois foi então que navios russos realizaram numerosas e importantes viagens de circum-navegação, com vista a reforçar os laços económicos com as suas colónias na América do Norte, bem como com outros países.

É de salientar que este trabalho está longe de ser exaustivo, tendo o autor citado apenas uma pequena parte das descrições de Portugal Continental, Brasil, Madeira, Cabo Verde, Açores e Macau, feitas por viajantes russos. Além disso, o espaço físico do artigo obrigou a fazer uma selecção, deixando algumas obras de fora.

Palavras-chave: Império Português; Rússia; Circum-navegação; Século XIX.

Abstract: This paper aims to provide an overview of the written documents by Russian naval officers that include references to the Portuguese Colonial Empire.

The study focuses on the 19th century, since during this period Russian ships accomplished frequent and important circumnavigation trips, in order to reinforce economic ties with its colonies in North America, as well as with other countries.

It is important to highlight that this paper is far from being exhaustive, as it only cites a small part of the descriptions of Continental Portugal, Brazil, Madeira, Cape Verde, Azores and Madeira, made by Russian travellers. In addition, restrictions as to the paper's length obliged us to select some references and leave others out.

Keywords: Portuguese Empire, Russia; Circumnavigation; 19th century.

Terminado o processo de centralização das terras russas em torno do Reino de Moscovo, os czares russos colocam a abertura de saídas para os mares navegáveis durante todo o ano como uma das suas prioridades da política externa. Isso tornou-se mais premente com o estabelecimento de contactos comerciais entre a Inglaterra e o Reino de Moscovo em 1553.

O czar Ivan IV, o Terrível, cujo reinado se estendeu de 1545 a 1584, manteve prolongadas guerras contra a Suécia, Polónia e Lituânia para conseguir fixar-se nas costas do Mar Báltico, mas sem êxito. Essa tarefa foi bem realizada mais tarde pelo czar Pedro I, o Grande, que reinou entre 1695 e 1725, com a vitória na longa Guerra do Norte contra a Suécia, que se prolongou entre 1700 e 1721 e terminou com a conquista pela Rússia de parte significativa das costas do Báltico e da construção aí da nova capital do império: São Petersburgo.

Ao mesmo tempo que se afirmava no Báltico, o Império Russo alargava-se até para o Pacífico, a Leste, e para o Mar Negro, a Sul.

* Correspondente da Agência Lusa, SIC e RDP em Moscovo. Professor de História e Jornalismo no Instituto Piaget de Almada. Investigador do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».

A necessidade de ligações marítimas entre as várias regiões do Império, a luta contra os turcos, não só por terra, mas também através do Mar Mediterrâneo, e a instalação de colónias russas nas costas orientais da América do Norte, a procura de novos mercados comerciais levaram a Rússia a empreender viagens marítimas de circum-navegação. Os navios russos passaram a utilizar portos do extenso Império Colonial Português para se reabastecerem e estabelecerem contactos comerciais, estudos em vários ramos da ciência.

Antes de passarmos à análise das várias viagens, é importante assinalar que neste estudo foram empregues, no fundamental, fontes escritas em russo: diários de bordo, memórias de viagens, cartas, etc.

A primeira viagem de circum-navegação russa foi realizada entre 1803 e 1806 em dois navios: «Nadejda» e «Neva», sob o comando do almirante Ivan Kruzenshtern (1770-1846).

Depois de deixar para trás o Continente Europeu e as Ilhas Canárias, os navios russos chegam à ilha de Santa Catarina a 21 de Dezembro de 1803.

Kruzenshtern legou-nos um pormenorizado diário de bordo, onde fixou observações importantes sobre a passagem por terras brasileiras, nomeadamente a boa recepção de que foi alvo pelas autoridades locais: «O governador, Dom José de Currado, coronel português, com quem eu, Lissianski e vários oficiais fomos ter para apresentar cumprimentos, recebeu-nos com extrema simpatia. Mostrou-se imediatamente pronto em prestar-nos toda a ajuda possível. Enviou um sargento para cada um dos nossos navios e ordenou-lhes que ficassem à nossa disposição. Pegou na lista de todos os víveres de que necessitávamos e deu ordem a um oficial para adquiri-los o mais rapidamente possível em diferentes lugares da ilha e no continente. Ele foi tão atencioso que obrigou os seus homens a partirem lenha para nós; o que eu lhe tinha pedido especialmente, porque esse trabalho, devido ao forte calor, era extremamente penoso, podia prejudicar a saúde dos nossos serviçais. Ele permitiu-nos montar, na pequena ilha de Atomirice, o nosso observatório, que nos era bastante necessário, tanto para verificar o funcionamento dos cronómetros, que, durante a nossa viagem de Tenerife, divergia em todos, como para outras observações úteis, que o doutor Gerner esperava realizar no Hemisfério Sul do céu, ao qual os astrónomos têm acesso raramente»¹.

Não escapou também à atenção do almirante russo o abandono a que estava deixada aquela ilha pela Coroa Portuguesa: «Mas cada viajante, embora eu não tenha tido oportunidade de falar pessoalmente com os portugueses cultos que vivem aqui, pode facilmente constatar que o governo português não presta nenhuma atenção a esta aldeia. Se isso é provocado pela política, então ela é indiscutivelmente a mais falsa; se isso decorre simplesmente do desprezo leviano, isso é ainda mais inaceitável. Que Portugal não vê, em geral, a utilidade que poderia ter das suas possessões nesta parte da Terra é uma verdade reconhecida por todos e não exige mais a mais pequena prova. Em todo o Brasil, a ilha de S. Catarina, com as aldeias que lhe pertencem na parte continental, é a parte destas

¹ Крузенштерн, Иван Фёдорович «Путешествие вокруг света в 1803, 1804, 1805 и 1806 годах на кораблях Надежда и Нева». Москва, 2009 года, с. 58-59 (KRUZENSHTERN, Ivan – *Viagem de circum-navegação nos navios «Nadejda» e «Neva»*. Moscovo, 2009, p. 58-59).

possessões à qual o governo português nunca prestou particular atenção, embora ela não mereça esse desprezo devido à sua situação extremamente favorável, ao clima saudável, terra fértil e outras posições»².

O navegador russo assinala um pormenor curioso: «O chefe da guarnição, quando da nossa passagem, era descendente do glorioso Vasco da Gama. Desde que foram aquarteladas aqui tropas que elas, por decisão do governo, são comandadas por um dos membros dessa gloriosa família. Em 1785, ano em que aqui esteve Laperuz, o comandante das tropas era António da Gama»³.

Depois de visitarem e explorarem as costas da América do Sul, o Pacífico e os territórios russos no Extremo Oriente, os navios russos passaram por Macau, tendo Kruzenshtern registado importantes aspectos da organização política, comercial e social da colónia portuguesa.

Ele ficou surpreendido com a difícil situação dos portugueses face às autoridades chinesas. O almirante russo escreveu: «A situação dos portugueses em Macau é extremamente delicada, tanto mais difícil é a situação do governador por ter contactos frequentes com o Governo Chinês. Embora os governadores se comportem com extremo cuidado, acontecem por vezes casos em que eles, sem a perda extrema de respeito para com a sua nação, pouco respeitada também agora pelos chineses, não ousam aceitar as suas exigências»⁴.

Segundo ele, «se em Macau mandassem os ingleses ou espanhóis, rapidamente poriam fim a essa vergonhosa dependência dos chineses. Essas nações, tendo nas suas mãos importantes países perto da China, poderiam, em Macau, oferecer resistência à força de todo o Estado Chinês»⁵.

Notas importantes sobre as colónias portuguesas do Brasil e de Macau estão contidas no livro «Viagem de circum-navegação no navio *Neva* em 1803-1806», escrito pelo almirante Iúri Lissianski, que comandava o segundo barco da expedição de Kruzenshtern⁶.

É também de assinalar «Cartas de marinheiros russos do Brasil para o Sr. N. N.», escritas pelo oficial Makar Ratmanov⁷.

Entre 1807 e 1809, o veleiro «Diana», sob o comando do tenente Vassili Golovnin, realizou mais uma viagem à volta do mundo, tendo o oficial russo publicado o diário de bordo com informações interessantes sobre o Brasil⁸. Mas voltaremos mais abaixo a este oficial da marinha russa, durante a sua segunda viagem, quando passa pelos Açores.

² *Ibidem*, p. 61.

³ *Ibidem*, p. 62.

⁴ *Ibidem*, p. 451.

⁵ *Ibidem*, p. 460.

⁶ Юрий Фёдорович, Лисянский. «Путешествие вокруг света на корабле «Нева» в 1803-1806 годах». ОГИЗ, Государственное издательство географической литературы, М., 1947 г. (LISSIANSKI, Fiodor – Viagem de circum-navegação no navio «Neva» em 1803-1806. Ed. OGIZ, M. 1947).

⁷ Ратманов, Макар Иванович. «Письма Рускихъ путешественниковъ изъ Бразиліи къ Госп. N. N.». In: «Вестник Европы». Ч. XVI, n.º 15, 1804. (RATMANOV, Mikhail – *Cartas de marinheiros russos do Brasil para o Sr. N. N.* In *Vestnik Evropi*. Parte XVI, n.º 15, 1804).

⁸ Головинн, Василий Михайлович. «Сочинения». Изд-во Главморпути, М-Л : 1949 г. (GOLOVNIN, V. M. – *Obras*. M-L. Editora Glavmorputi, 1949).

As viagens de circum-navegação iriam continuar após as guerras napoleónicas e, antes de regressarmos a elas, iremos concentrar a atenção num episódio curioso ocorrido durante as invasões francesas da Península Ibérica.

A 3 de Novembro de 1807, a esquadra do almirante russo Dmitri Seniavin, que regressava do Mediterrâneo onde tinha infligido uma pesada derrota à Armada turca, entrou na foz do Tejo para fugir a uma forte tempestade no mar, mas ficou aí retida durante quase um ano devido à tempestuosa situação internacional. A 7 de Julho desse ano, a Rússia e a França de Napoleão tinham assinado um Tratado de Paz e Amizade em Tilzite e a Corte de São Petersburgo rompera as relações diplomáticas com Londres. A 17 de Novembro, depois da fuga da família real portuguesa para o Brasil e da ocupação do país pelas tropas francesas, a armada inglesa fechou a barra do Tejo não só aos navios franceses, mas também aos dos aliados de Paris⁹.

O almirante Seniavin viu-se numa situação muito complicada. Por um lado, não podia deixar de cumprir as ordens do czar Alexandre I, mas, por outro lado, as suas simpatias estavam do lado dos ingleses.

O historiador soviético Evgueni Tarle escreveu a propósito: «Era necessário ou salvar a esquadra russa da morte inevitável, desobedecer à vontade dos dois imperadores aliados e ser sujeito ao tribunal militar, ou sujeitar-se incondicionalmente à ordem do czar e transformar-se numa arma obediente, cega dos interesses e considerações do imperador francês e do seu representante, general Junot»¹⁰.

Mas o almirante Seniavin cumprir essa difícil tarefa. Ele compreendeu rapidamente que o general Junot, que havia ocupado Portugal, iria tentar de todas as formas cumprir a vontade de Napoleão, ou seja, provocar a guerra entre a Rússia e Inglaterra pelas mãos do comandante da esquadra russa. Mas o facto é que, não obstante o corte de relações com Londres, o czar Alexandre não pretendia, na realidade, entrar em conflito aberto com os ingleses.

Dmitri Seniavin escreveu ao seu comandante supremo depois do primeiro encontro com Junot: «Consegui compreender de algumas palavras por ele ditas que o governo francês não quer perder a oportunidade que lhe dá a permanência da esquadra de Vossa Alteza aqui, para aumentar as dúvidas do governo inglês sobre as intenções de Vossa Majestade Imperial, e numerosos dos oficiais navais franceses que se encontram aqui dizem abertamente que serão nomeados para a esquadra que me foi confiada para o lugar dos oficiais de origem inglesa»¹¹.

Alexandre I tarda em enviar instruções, mas Seniavin continua a sua política de evitar o envolvimento dos seus barcos e homens no confronto anglo-francês, o que irrita fortemente o imperador gaulês. Napoleão tenta fazer com que o almirante deixe de

⁹ Протопов, А. С., Козменко, В. М., Елманова, Н. С. «История международных отношения и Внешняя Политика России» (1648-2000). М., 2001г., с. 64-74 (PROTOPOV, A. S.; KOZMENKO, V. M.; ELMANOVA, N. S. – *História das Relações Internacionais e da Política Externa da Rússia (1648-2000)*. М., 2001, p. 64-74.

¹⁰ Tarle Евгений Викторович, Соч.: Соч., т. 1-12, М., 1957-62 г. Т. X, с. 329 (TARLE, E. – *Obras em 12 volumes*. Vol. 10, p. 329).

¹¹ Российский Государственный архив Военно-морского флота (РГАВМФ). Ф. Департамент Министерства Флота для эскадри Сенявина, д. 579, л. 15-19 (Arquivo Central Estatal da Frota Militar (ACEFM), f. Departamento do Ministério da Marinha para a Esquadra de Seniavin, d. 579, folhas 15-19).

receber ordens de São Petersburgo e passe a cumprir ordens do conde Tolstói, embaixador russo em Paris, que funcionaria como uma «correia de transmissão» sua.

A esquadra do almirante Seniavin chegou a Lisboa – escrevia Napoleão a Alexandre a 7 de Dezembro de 1807 – Felizmente, as minhas tropas já se devem encontrar lá. Seria bom se Vossa Alteza incumbisse o conde Tolstói de ter poder sobre essa esquadra e sobre as suas tropas, para que, em caso de necessidade, possam ser utilizadas sem esperar ordens directas de Petersburgo. Penso também que este poder directo do embaixador de Vossa Alteza teria boa influência no sentido em que poria fim à desconfiança que por vezes revelam os comandantes face aos sentimentos de França¹².

A pressão sobre o almirante Seniavin aumenta através da instrução da Corte Russa, enviada no início de 1808 para Andrei Dubatchevski, representante diplomático russo em Lisboa, e dirigida a todos os militares russos: «Em relação ao governo que irá existir em Portugal, é necessário que os vossos actos correspondam em tudo à disposição amiga actualmente existente entre a Rússia e a França»¹³.

E, por fim, a 1 de Março do mesmo ano, Alexandre I envia uma ordem aos três comandantes de armadas russas que se encontravam no estrangeiro, entre as quais estava a comandada por Seniavin: «Reconhecendo como útil para o êxito da causa comum e para que seja feito o maior prejuízo ao inimigo colocar as nossas forças navais que se encontram fora da Rússia à disposição de Sua Alteza, o Imperador dos Franceses, ordeno-vos que, em conformidade com isso... o cumprimento indiscutivelmente mais preciso de todas as ordens que vos forem dadas por Sua Alteza, o Imperador Napoleão»¹⁴.

As relações entre Seniavin e Junot tornavam-se cada vez mais tensas, pois os franceses necessitavam de mostrar à Europa a solidez da aliança russo-francesa. Tanto mais num momento em que a guerra popular contra Napoleão em Espanha tomava formas cada vez mais abertas e a Áustria se armava. A entrada em acção da armada russa ancorada em Lisboa contra os ingleses seria um sinal para todos aqueles que consideravam a aliança russo-francesa uma utopia.

Mas o comandante russo não estava disposto a sacrificar a vida dos seus homens e os seus navios em nome da defesa dos interesses franceses em Portugal e, por isso, recorre a um subterfúgio para tentar adiar ou mesmo evitar totalmente o cumprimento das ordens de Napoleão: alega falta de armamentos e homens.

Tendo recebido um relatório enviado por Dmitri Seniavin, datado de 21 de Abril de 1808, Napoleão dá-lhe algumas ordens: estar pronto para sair para o mar a qualquer momento e, para isso, «manter a tripulação em estado de alerta». E vendo que o navio «São Rafael» não se encontrava devidamente equipado, o Imperador francês ordenou ao almirante russo que contactasse Junot para que este recrutasse marinheiros suecos e

¹³ Архив внешней политики России (АВПР). Ф. Канцелярия МИДа, 1808, д. 6660, л. 2 (Arquivo da Política Externa da Rússia (APER), f. Chancelaria do MNE, 1808, d. 6660, folha 2).

¹⁴ ACEFM, f. Departamento do Ministério da Marinha para a Esquadra de Seniavin, d. 579, f. 52-53.

outros que se encontravam em Lisboa. Além disso, se faltassem munições, pólvora ou quaisquer outros materiais, deveria conseguir tudo isso em Lisboa¹⁵.

Mas o oficial russo consegue, sob os mais variados pretextos, manter a neutralidade, explicando a sua posição numa missiva enviada ao czar Alexandre I: «Uns dias antes de me encontrar com o duque [Junot], recebi informação segura de que a Espanha se fez inimiga clara da França e as armas espanholas tinham vencido em várias ocasiões, ao mesmo tempo que as províncias setentrionais de Portugal começaram a fugir do poder dos franceses... e a mais insistente exigência do duque para o reforçar com soldados convenceu-me da situação fraca das tropas francesas em Portugal. Eu, encontrando-me em situação tão difícil, considerei: se tomar o lado dos franceses e assim me ver claramente envolvido em medidas hostis contra os portugueses, ingleses e espanhóis, ficarei sem qualquer meio para salvar a esquadra de Vossa Alteza Imperial do poder desses povos unidos...».

Junot passa dos pedidos pessoais a exigências formais com vista a obrigar Seniavin a cumprir as ordens vindas de Paris e São Petersburgo. A 3 de Julho de 1808, o general francês escreve ao oficial russo: «Senhor almirante, nas difíceis circunstâncias em que me encontro e que advêm nomeadamente da necessidade de defender a esquadra de Sua Alteza, o Imperador Russo, eu penso que o nosso dever comum, bem como o interesse dos nossos senhores, consiste em chegar a um acordo sobre os meios possíveis de ajuda mútua». O objectivo era conseguir fazer com que Seniavin desembarcasse com as suas tropas na margem esquerda do Tejo para defendê-la dos ingleses: «o efeito colossal dessa medida seria incalculável»¹⁶.

Dmitri Seniavin responde imediatamente, começando por sublinhar que ele compreende muito bem o seu dever, que consiste em cumprir à risca as ordens de Napoleão, mas arranja nova argumentação para evitar isso. Desta vez, o almirante russo alega que, caso ele desembarcasse na margem esquerda do Tejo, teria de combater não só contra os ingleses, mas também contra os insurrectos portugueses, coisa de que não tinha sido incumbido. Além disso, considerava que era mais útil para os monarcas francês e russo não atacar a esquadra inglesa, mas continuar no mesmo lugar¹⁷.

Junot ficava cada vez mais furioso e, a 26 de Julho, foi visitar Seniavin ao navio «Tverdii» («Firme») para tentar uma vez mais convencê-lo, mas em vão. Dois dias depois, escreve uma nova carta: «Senhor almirante, visto que a situação em que me encontro se torna dia a dia cada vez mais complicada, considero ser meu dever e uma questão de minha honra conhecer positivamente as vossas intenções e saber se posso esperar receber de Vossa Excelência alguma ajuda. Este é o meu dever, visto que o Imperador, o meu Senhor, considera que a significativa esquadra que o Imperador russo colocou à sua disposição deve, obrigatoriamente, em circunstâncias tão críticas, ajudar com todos os meios o seu exército terrestre, tal como o exército terrestre deve ajudar a esquadra».

Na mesma missiva, Junot passa para o campo das ameaças: «É necessário que o meu Senhor e o vosso saibam que a esquadra russa não desejou prestar-me a mínima

¹⁵ *Correspondance de Napoléon*, t. XVIII. P., 1865, p. 83-84.

¹⁶ APER, f. Chancelaria do MNE, 1808, d. 5191, f. 30-31.

¹⁷ *Ibidem*, f. 25.

ajuda. É preciso que os militares, que irão analisar a minha situação, saibam que eu não estive apenas cercado por todos os lados de inimigos, mas que a esquadra aliada da França, que se encontra em guerra contra Inglaterra, se declarou neutra no momento mais decisivo perante a esquadra inimiga e no momento do desembarque substancial de tropas inglesas, e que o seu comportamento foi para mim mais prejudicial do que se ela estivesse contra mim».

A ira do general Junot é tão grande que começa a referir-se a Seniavin, na mesma carta, na terceira pessoa: «Se o senhor almirante Seniavin se encontra realmente em estado de guerra com os ingleses, como pode ele pensar um só momento que a sua armada não cairá nas mãos deles caso tomem Lisboa? Se o senhor almirante Seniavin tem algum acordo com o almirante inglês, se ele recebeu de alguma forte garantias para a sua armada, será que a honra lhe permitirá abandonar o aliado sem aviso?»¹⁸.

O almirante russo respondeu à missiva no mesmo dia, reafirmando a sua obediência a Napoleão e negando qualquer acordo com os ingleses. Porém, continua a considerar que é inútil fazer desembarcar os seus homens não só porque são menos de mil, mas também porque os russos não compreendem português!¹⁹.

Após a derrota das tropas francesas em Vimieiro, a 9 de Agosto de 1808, Junot vê-se obrigado a abandonar Portugal e o almirante Seniavin, que já tinha estabelecido contactos com o comando da armada inglesa que bloqueava Lisboa em meados de Julho, tentou fazer tudo para que a sua armada não fosse apreendida pelas autoridades de Londres, pois a Rússia e a Inglaterra continuavam formalmente em estado de guerra.

Argumentando a sua posição numa carta dirigida ao almirante inglês Cotton, Seniavin escreve: «O meu comportamento durante os dez meses de permanência em Lisboa, as minhas recusas constantes de participar mesmo que da forma mais mínima nas medidas hostis que me eram propostas [contra os ingleses]... Todos esses motivos convencem-me firmemente que Vossa Excelência terá em atenção as circunstâncias acima assinaladas e que a situação neutra legal seja observada em relação à minha esquadra, enquanto ele estiver no rio Tejo»²⁰.

A armada russa acabou por ser conduzida para o porto inglês de Portsmouth e, em 1809, os oficiais e marinheiros russos regressaram ao seu país, deixando os navios em Inglaterra, tal como exigiram as autoridades de Londres. E não obstante o Governo de Londres ter, em 1812, devolvido alguns dos navios e pago por aqueles que ficaram em Inglaterra, o czar russo acusou o almirante de ter «entregue» a esquadra ao «inimigo».

Passadas as guerras napoleónicas, a Rússia volta novamente às viagens de circum-navegação. Entre 1819 e 1821, Fabian Gottlieb Thaddeus von Bellingshausen comanda uma expedição que, entre outros objectivos, descobre a Antártida.

Bellingshausen deixou-nos um diário de bordo com algumas notas sobre a vida no Rio de Janeiro: «A cidade está situada de forma bastante correcta, mas as ruas, na sua maioria, são estreitas; há algumas praças boas e casas de dois andares; no andar de baixo

¹⁸ *Ibidem*, f. 28-29.

¹⁹ *Ibidem*, f. 30-31.

²⁰ *Ibidem*, f. 45. B.

estão lojas ou oficinas, tais como: merceneiros, sapateiros, alfaiates, polidores de pedras, ourives de prata e ouro, etc. Nos andares estão as habitações. O lixo e todas as porcarias são atirados directamente para as ruas; ao fim da tarde, quando escurece, é impossível andar perto das casas sem correr o risco de ser molhado do andar de cima; na cidade, em geral, é evidente uma sujidade horrível»²¹.

O oficial russo fica impressionado com o peso da religião na vida do Rio de Janeiro: «Todas as colinas estão ocupadas por mosteiros, que enfeitam o aspecto externo da cidade. Pode dizer-se que só quase os monges gozam aqui de ar saudável e das agradáveis vistas das alturas. Durante a nossa permanência, quase diariamente víamos nas ruas e templos procissões; a julgar por isso, um estrangeiro desprevenido concluiria do gosto dos habitantes locais para festas».

O tráfico de escravos não passou despercebido ao oficial russo: «Aqui encontram-se várias tendas onde se vendem negros: homens, mulheres e crianças. Quando se entra nessas tendas asquerosas, vê-se várias filas de negros sentados, cobertos de tanga, os pequenos à frente e os grandes atrás. Em cada tenda encontra-se permanentemente um dos portugueses ou dos negros anteriormente trazidos; é dever desse guarda tentar apresentar esses infelizes da melhor e mais alegre forma quando chegam os compradores. Ele tem na mão um chicote ou uma vara; quando faz um sinal, eles levantam-se, depois saltam entoando canções de dança; se algum deles, segundo o vendedor, olha, salta ou canta de forma insuficientemente alegre, ele incute-lhe vivacidade com a vara. O comprador, depois de escolher o seu escravo, tira-o da fila, vê-lhe a boca, apalpa-lhe todo o corpo, bate-lhe com as mãos em diferentes partes e, depois desses exames, ficando convencido da resistência e saúde do negro, compra-o. Na nossa presença foi vendido um por 200 taleres espanhóis. Na tenda feminina está tudo disposto da mesma ordem, mas com a diferença de que as negras estão cobertas à frente por um pequeno pedaço de tecido azul e algumas têm também os peitos cobertos. Na tenda entraram conosco uma velha e uma jovem menina; eram portuguesas. Depois de combinarem o preço de uma jovem negra, viram-lhe a boca, levantaram-lhe as mãos e afastaram o pedaço de tecido do peito; finalmente, a velha apalpou a barriga com ambas as mãos; parece que o preço pedido pelo dono era demasiadamente grande e elas não compraram essa negra e foram para outra tenda. A revista, a venda, a sujidade, o cheiro nauseabundo exalado pelos numerosos escravos e, finalmente, a vigilância bárbara com chicote ou vara, tudo isso provoca nojo em relação ao dono desumano da tenda»²².

Os comandantes dos navios russos, que chegaram a 2 de Novembro de 1921, foram recebidos pelo rei D. João VI a 9 do mesmo mês: «o rei honrou-me com algumas perguntas sobre o Rio de Janeiro, sobre o porto, sobre o objectivo da nossa viagem, e, depois das saudações normais, fez uma vénia e nós curvamo-nos até à cintura e recuámos sem

²¹ Беллинсгаузен, Фаддэй Фаддеевич «Двукратные изыскания в Южном Ледовитом океане и плавание вокруг света в продолжение 1819, 1820 и 1821 годов», М., 1949, с. 52-59 (BELLINGSHAUSEN, F. F. – Duas buscas no Oceano Glaciar Antártico e viagem de circum-navegação durante 1829, 20 e 21, realizadas nos navios «Vostok» e «Mirni» sob o comando do capitão Bellingshausen, comandante do navio «Vostok»... Moscovo, 1949, p. 52-59).

²² *Ibidem*.

virar as costas, enquanto o rei, que se afastava de nós, virava-se de todas as vezes para receber a vénia»²³.

É importante assinalar que nesta expedição participaram os oficiais Konstantin Torson e Dmitri Zavalichin, dois futuros participantes da Revolução Dezembrista de 25 de Dezembro de 1826, assim é conhecido na Rússia o movimento liberal que tentou derrubar o czar Nicolau I.

A passagem desses dois oficiais pelo Brasil influi fortemente na sua formação ideológica. No interrogatório a que foi sujeito depois da derrota da revolta, Konstantin Torson concretiza as razões que o levaram a aderir ao levantamento: «Vendo diferentes abusos e o desinteresse do governo em emendá-los por via legal, agindo individualmente, convenci-me da necessidade de agir em sociedade para conseguir esse objectivo; então Bestujev informou-me de que existe uma sociedade secreta, cujo objectivo consiste em, após reunir pormenores de abusos e baseando-se na defesa do direito de propriedade e de cada pessoa, elaborar um plano para emendá-los e esperar a morte natural do defunto imperador, informar de tudo o sucessor quando da coroação e convencê-lo a tomar as medidas propostas; considerando o objectivo da sociedade em conformidade com os meus desejos e tendo visto no Brasil um exemplo..., eu perguntei a Bestujev sobre as principais pessoas que dirigiam a sociedade»²⁴.

Dmitri Zavalichin, um dos poucos dezembristas que sobreviveu ao desterro na Sibéria, deixou um diário com numerosas impressões sobre a sua passagem pelo Brasil. Ele escreve: «No Brasil, tinha muitas tarefas para realizar, mas eu queria, obrigatoriamente, conhecer de mais perto a natureza tropical, que surpreendia mesmo as pessoas simples. Aprofundi-me nas florestas virgens, visitei frequentemente o imperador Dom Pedro, no Corcovado e na Serra de Estrela e, por fim, a nova plantação do nosso cônsul-geral Lamsdorf, e só eu de todos os oficiais podia acompanhá-lo nas excursões botânicas, porque aguentava tão bem o frio forte como o calor intenso»²⁵.

Zavalichin conta um facto curioso que poderia ter consequências negativas na sua carreira militar: «Durante a nossa estadia no Brasil, deu-se um acontecimento que assustou fortemente os meus parentes com boatos infundados. É preciso dizer que, quando chegámos ao Brasil, nós encontrámos aí, no lugar de uma colónia portuguesa, um Império recentemente criado. Porém, o novo imperador não era ainda reconhecido por nenhum governo e, por conseguinte, não podíamos ter com ele contactos oficiais. Isso, todavia, não incomodava a prestação de serviços mútuos e, como realizávamos alguns trabalhos no estaleiro brasileiro, nós, pelo nosso lado, tínhamos de fornecer os nossos mestres. Nessa altura, Dom Pedro tinha pressa em armar a frota para rechaçar o presumível ataque dos portugueses e, diariamente, encontrava-se e conversava comigo no estaleiro. Ele tinha falta de bons oficiais navais e, pouco tempo antes, o tenente da armada inglesa Taylor passara ao seu serviço como comandante de corveta. Vendo o destaque de que eu gozava na fragata,

²³ *Ibidem*.

²⁴ Вопросы Комитета и Ответы К. Торсона. Апрель 1926 года. Восстания Декабристов. Т. XIV. М. 1976, с. 201 (*Perguntas do Comitê e Respostas de K. Torson. Abril de 1926. Revolta dos Dezembristas*. Т. XIV. Moscovo, 1976, p. 201).

²⁵ Завалишин, Дмитрий. «Воспоминания». М. 2009, с. 85 (ZAVALICHIN, Dmitri – *Memórias*. Moscovo, 2009, p. 85).

Dom Pedro decidiu propor-me o mesmo posto de Taylor na frota brasileira. Claro que eu recusei, mas o caso tornou-se conhecido e, tendo chegado de forma distorcida à Rússia, preocupou os meus parentes, enquanto as cartas enviadas por mim não lhes esclareceu o que realmente deu origem ao boato, como se eu tivesse deixado a frota russa»²⁶.

Mas não era só a paisagem exótica tropical que interessava ao oficial da marinha russa. Dmitri Zavalichin estudou também com atenção a situação política e social naquele território que pouco antes se tornara independente da Coroa de Portugal: «a nossa permanência no Brasil tinha interesse vivo não só do ponto de vista do conhecimento de uma natureza completamente nova para nós, mas também no sentido político. Todas as questões políticas, internacionais e internas, bem como as sociais eram candentes e a situação do Brasil apresentava muitos factos evidentes para esclarecer essas questões, e a presença de um grande número de estrangeiros, bem como de navios militares de diferentes nações, permitia ouvir a discussão multilateral de qualquer fenómeno. Por muito que estivesse ocupado no meu serviço, não só com a carga e os fornecimentos para a fragata, mas também com as viagens às plantações para fazer compras, eu não perdia, porém, a oportunidade de conhecer pormenorizadamente a natureza e diferentes produções, principalmente as próprias do Brasil, e seguir o movimento político e social. E se o conhecimento com o cônsul-geral e a excursão com ele eram para mim úteis do ponto de vista científico, para o estudo da natureza tropical, as visitas ao nosso vice-cônsul, casado com uma brasileira e que vivia de forma muito aberta, constituíram uma oportunidade suprema de observar os problemas políticos e sociais no seu movimento vivo. Todos os dias, quando o calor era forte, entre as 10 e as 4 horas, quando toda a actividade parava e todas as coisas paravam, todos dormem, eu refugiava-me nos limoeiros e laranjeiras no Corcovado e dedicava-me aí à leitura de jornais de todo o tipo, e, a falar verdade, era difícil aos outros compreender quando eu dormia, porque às seis ou tínhamos o jantar ou éramos convidados para os jantares que nos davam ou na cidade, ou em navios estrangeiros, e, ao jantar, até bem depois da meia noite, havia algum baile ou passeio. Não obstante, na manhã seguinte, às sete horas, eu já recebia em terra ou no escritório do cônsul ou no estaleiro todos os que tinham algum assunto ligado à expedição»²⁷.

No interrogatório que se seguiu à derrota da revolta dezembrista, Dmitri Zavalichin declarou que a viagem ao Brasil lhe serviu também para ver as diferenças insuperáveis entre a situação nessa ex-colónia portuguesa e no seu país: «Frequentemente, por baixo do Sol claro do Brasil, eu descansava à sombra de limoeiros e laranjeiras, enquanto que os meus olhos gozavam com a paisagem dos campos cobertos de ananases. Mas poderia ser eu considerado uma pessoa inteligente se quisesse ver obrigatoriamente o mesmo nos países com meio ano de noite? No mundo da moral, tal como no mundo físico, há obstáculos insuperáveis»²⁸.

Notícias sobre a passagem de navios russos por territórios portugueses voltam a aparecer nas notas da segunda viagem de circum-navegação de Vassili Golovnin, realizada

²⁶ *Ibidem*, p. 85-86.

²⁷ *Ibidem*, p. 86-87.

²⁸ «Дело Завалишина, Д. И. Восстания Декабристов». Т. 3. М.-Л. 1927, с. 239 (*Dossier D. I. Zavalichin. Revolta dos Dezembristas*. Т. 3. М.-Л. 1927, p. 239).

no veleiro «Kamtchatka» entre 1817 e 1819, mas, desta vez, além do Brasil, o veleiro entrou no porto do Faial, nos Açores.

Durante os 17 dias que passou no Faial, onde o navio se abasteceu de água e alimentos frescos, Golovnin teve a oportunidade de visitar os lugares mais pitorescos da ilha, tendo-lhe chamado a atenção a Caldeira.

Na hora da partida, escreve: «Partimos satisfeitos com a amável recepção dos nossos conhecidos do Faial, e eles ficaram com o mesmo sentimento. O governador e os seus habitantes não se cansavam de repetir-me que gostariam de ter ali em permanência barcos russos. Ao contrário, quando chega um navio militar inglês, os habitantes querem que ele saia o mais rápido possível, pois os marinheiros embebedam-se em terra e provocam conflitos. Nenhuma das nossas pessoas que autorizei a ir a terra, doze ou mais por dia, andou à pancada ou ficou bêbado»²⁹.

As viagens de circum-navegação russas continuaram durante todo o século XIX, mas há duas delas que merecem uma análise mais atenta. A primeira realizou-se entre 1852 e 1855, sob o comando do capitão Ivan Unkovski (1822-1866), e tinha dois objectivos: inspeccionar os territórios russos na América do Norte (Alasca) e estabelecer relações políticas e comerciais com o Japão.

Porém, para nós é importante o facto de nesta expedição marítima ter participado Ivan Gontcharov, um dos maiores vultos da literatura russa, autor do romance «Oblomov», que nos deixou descrições da viagem, nomeadamente da sua passagem pela Madeira e Cabo Verde.

O primeiro contacto com o vinho da Madeira ficou longe de ter sido o melhor. Gontcharov escreve: «De súbito, os guias pararam junto de uma casinha, gritaram alguma coisa e trouxeram-nos três canecas de vinho. Ofereceram-me a minha e eu não podia recusar: tratava-se de vinho da Madeira, directamente da fonte! Madeira! Mas que porcaria, talvez seja vinho novo. Eu devolvi a caneca. Os guias fizeram uma vénia e esvaziaram num instante as canecas».

O escritor russo mudou de opinião ao almoçar na casa do cônsul russo no Funchal: «O ponto alto do almoço foram o vinho e a sobremesa. Claro que o vinho era da Madeira, tinto e branco. Tanto um como outro eram de uma qualidade suprema, principalmente o tinto, cor de *ruby*».

Mas o ar da Madeira foi o que mais cativou Gontcharov: «Quando respirava o ar da margem montanhosa do Volga, pensava que não podia haver nada de melhor noutro lugar. De manhã, num dia de Verão, abres a janela e no rosto sopra uma frescura tão pura, saudável. Na Madeira, eu senti a frescura do ar do Volga, que bebes como a água mais pura da fonte, mas como que diluída... em Madeira...».

«Ao olhar para trás, para a ilha, desejei que ela ficasse para sempre na minha memória», conclui Gontcharov³⁰.

²⁹ GOLOVNIN, V. M. – *Obras*. M-L. Editora Glavmorputi, 1949, p. 430.

³⁰ Гончаров, Иван Александрович. «Фрегат Паллада». Л., 1986, Т.1, с. 83-96 (GONTCHAROV, Ivan – *Fragata Pallada*. Leningrado, 1986. Vol. 1, p. 83-96).

Konstantin Staniukovitch, oficial da marinha russa, fez uma longa viagem marítima, em 1860-1861, e passou também pela Madeira e Cabo Verde.

No livro «Viagem de Circum-navegação na Korchun», este escritor descreve como algo «fantástico», «irreal» a vista da cidade do Funchal a partir do mar: «As suas pequenas casas encostam-se uma às outras como celas numa colmeia, com uma coroa verde, e sobre elas altas montanhas verdes, onde aqui e ali se pavoneiam casas de campo e villas, mergulhadas em verdura. Numa das montanhas vê-se um mosteiro branco. E tudo isso cercado de árvores tropicais densas e onduladas».

Em Cabo Verde, Staniukovitch ficou apaixonado pelas mornas cabo-verdianas: «Um dos oficiais dirigiu-se ao português para pedir que transmitisse à dona de casa que todos lhe pediam que cantasse alguma canção popular negra. Quando o português lhe transmitiu o pedido, todas as mulheres abanaram afirmativamente a cabeça. Elas sussurraram entre si, talvez para escolher a canção. Por fim, decidiram-se. De súbito, os seus rostos fizeram-se sérios; elas apertaram as maçãs do rosto com as mãos e começaram a cantar muito baixinho. Era algo monótono, extremamente triste e que apertava a alma. Cantavam de forma suprema; as vozes eram jovens e frescas. Nessa canção melancólica ouvia-se lamentos silenciosos e uma tristeza profunda, cheia de resignação... E tudo isso era cantado em voz baixa, monocórdica, monótona. E mais lamentos e tristeza sem fim... Nem um só som maior, nem uma notinha de protesto! Os marinheiros russos sentiram algo de conhecido, familiar nessa canção. Faziam involuntariamente recordar as melancólicas canções russas. As negras cantaram assim durante um quarto de hora e calaram-se. – Então, gostaram? – perguntou o português com ironia. O português – amarelo, magro e antipático – olhou, perplexo, para os russos: mas que bárbaros no campo da música; será que gostaram?! – Qual a letra da canção? – revelou curiosidade Achanin, em quem a canção tinha provocado forte impressão. – As comuns queixas estúpidas: queixam-se dos brancos, têm pena dos irmãos escravos e mais ou menos nesse sentido. Os marinheiros estiveram sentados mais um quarto de hora e saíram, depois de terem pousado num prato uma moeda cada um, como agradecimento pela hospitalidade e o canto...»³¹.

Este artigo não pretende ser uma investigação exaustiva sobre o tema acima apontado, mas visa chamar a atenção para a existência de parte de um enorme espólio escrito referente às relações entre a Rússia e Portugal.

Neste trabalho, abordámos algumas das obras mais emblemáticas da história das viagens de circum-navegação russas, escritas por figuras relevantes como o almirante Ivan Kruzenshtern ou o escritor Ivan Gontcharov, mas trata-se de um número muito restrito. Existem numerosos relatos de viagens publicados em livros e revistas ou à espera de publicação nos arquivos russos.

É de sublinhar que a literatura de viagens era extremamente popular na Rússia do século XIX, pois trazia visões e abordagens de países e civilizações distantes e exóticas. Já na literatura russa da segunda metade do século XVIII Portugal figura como um palco de aventuras e paixões.

31 Станюкович Константин, Михайлович. «Вокруг света на Коршуне». М. 1987, с. 119-136 (STANIUKOVITCH, Konstantin – *Viagem de circum-navegação na «Korchun»*. М., 1987, p. 119-136).

Além disso, este tipo de literatura era um meio importante de transmissão de ideias novas vindas da Europa e da América. Esta foi uma das formas de entrada da Rússia das ideias liberais. As revoluções liberais em Portugal e Espanha, entre outras, tiveram influência significativa na sociedade russa do século XIX. A Revolta dos Dezembristas, de que acima falámos, é um dos exemplos mais flagrantes.